abralic
XIV Congresso Internacional
Fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias
ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

A ANGÚSTIA DA BUSCA PÓS-MODERNA NA OBRA *CERIMÔNIAS DO SERTÃO* DE RICARDO DICKE

Madalena Aparecida Machado (UNEMAT/ PPGEL/CNPq)

RESUMO: Este artigo interpreta o romance *Cerimônias do sertão* (2011) do escritor mato-grossense Ricardo Guilherme Dicke. Nele procuramos marcas distintivas do tempo presente, denominado aqui de pós-moderno, em meio à fratura e indistinção do que não se pode apreender, mas que se busca, identificamos a angústia como resultante dessa busca. Homens narrativa no relevo do romance encarnam o processo de movimento do corpo que não se adequa, dá um passo à frente, embora possa se deparar com o abismo. As questões teóricas levantadas na nossa argumentação, foram guiadas pelo pensamento de Zigmunt Bauman (1997); Giorgio Agamben (2009) e Terry Eagleton (1998). A beleza como motivo maior da busca no romance, foi interpretada primeiro pelo aspecto físico, filosófico e estético. O corpo, as questões que o implicam, a adoção do termo "vagabundo" para o herói deste tempo multifacetado, desencadearam reflexões às quais nos debruçamos neste artigo cuja referência é a obra do romancista mais celebrado na atualidade em terras mato-grossenses.

Palavras-chave: Dicke. Busca. Angústia. Pós-modernismo

Este trabalho pretende investigar as nuances do pensamento na literatura do escritor Ricardo Guilherme Dicke (1936-2008). O mato-grossense expõe na sua escrita narrativa, a problematização do presente no que tange ao homem se encontrar num momento de angústia, por não se identificar no mundo moldado pela submissão às coisas, ao senso comum. Questão premente desde os primórdios da literatura, no entanto, em Dicke, o pensamento toma forma de uma indagação voltada à transcendência, saber que o homem não se reduz à matéria. Nessa literatura, o corpo pensante é o homem narrativa marcado pelo não situar em meio ao consumo, denúncia de exploração do homem à natureza, ao semelhante, o que causa um processo de indagação ao não se encontrar entre as coisas. Busca entre a incessante movimentação do corpo, a aquietação do silêncio, propício à reflexão do sensível, a música, procura pela beleza, o saber de si conhecendo o outro. Assim, o romance *Cerimônias do sertão* (2011) investiga uma humanidade que se coloca em questão desde a busca empreendida por saber da beleza, provavelmente encontrada na mulher, natureza, um tratado de filosofia entre outros. Nosso trabalho se pauta em compreender teoricamente as angústias da pós-modernidade na literatura de Ricardo Dicke, com Zigmunt Bauman,

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

Ética pós-moderna (1997), Giorgio Agamben, *O que é o contemporâneo?* (2009), contrastando com as refutações de Terry Eagleton na obra, *As ilusões do pós-modernismo* (1998).

A fim de compreendermos como se desencadeia o processo eivado de angústia em *Cerimônias do sertão,* tomemos como ponto de partida o enredo desta narrativa. O protagonista Frutuoso Celidônio é o convidado ilustre da festa de casamento da filha de Anelinho Abbas, num local denominado Aguassu. Depois da festa, o convidado junto com o pai da noiva, seguem rumo ao bar Portal do céu. Após longa conversa e deambulações com os demais personagens que se juntam à história, vão até a casa do ferreiro a fim de celebrarem a cerimônia tão aguardada por todos, vivida de forma singular, intensa até se pluralizar, tal a importância para cada um. O enredo é muito próximo do livro *Cerimônias do esquecimento* (1995). A diferença fica por conta do processo de busca no romance que ora nos ocupa: a busca pela beleza em meio ao silêncio, no que se configura a busca maior no livro.

A angústia de ser e sentir em *Cerimônias do sertão* toma proporções inesperadas diante da necessidade que Frutuoso Celidônio toma como explicação de sua vida: encontrar a mulher ideal, naquele momento ele imagina a esposa do persa Abu-Daris, Leonora, movido por uma espécie de encantamento por seu corpo. Ao perceber que ela não correspondia ao perfil intelectual esperado, vem a frustração e Frutuoso parte para outro anseio: escrever um livro, uma tese, um tratado sobre a beleza. Em meio a este processo de busca, o silêncio só é rompido quando escuta notícias estrangeiras, ouvi música clássica, no intuito de cercar o mistério que envolve tudo, vida e morte, ao concluir sobre o maior deles na sua opinião, o sertão se localiza dentro da gente. Devemos lembrar que esta é a narrativa principal de *Cerimônias do sertão,* entretanto, outras histórias correm paralelas para que entendamos o movimentar do pensamento do protagonista. Assim, observamos que a forma literária adquire um aspecto muito próximo do que chamamos neste artigo de a proposição do corpo.

As narrativas secundárias como as de João Ferragem, rei D. Saul, Anelinho Abbas, os cegos violeiros, Manuel dos Velhos e Manuel das Velhas, a prostituta

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

Rosaura do Espírito Santo, Catrumano, João Valadar, tomam proporções singulares quando compreendemos que a narrativa de suas vidas, anseios, dúvidas, são aquilo que se celebra de forma mais intensa, configurando, por isso, nas cerimônias do romance. Por serem personagens oriundos dos mais diversos extratos sociais, seres esquecidos ou alijados do poder, são localizados fora do circuito urbano, dos grandes centros, estão postados no sertão, e é deste local tradicionalmente relegado do poder, que vivem, sentem e impulsionam o leitor a tomar como suas, aquelas cerimônias.

O corpo que se movimenta nesta obra está em busca de algo maior que o visto e ouvido. Primeiro os personagens participam da celebração do casamento, em seguida, preludiam a realização de algo muito maior ao beberem no decadente bar chamado Portal do Céu. Depois chegam a um lugar cujo aspecto lembra o processo de iniciação que experimentam, a casa do ferreiro, a gruta, onde expõem um pouco de suas vidas. Nesta exposição há um desdobrar do pensamento em que podemos situar uma vontade de dizer, uma necessidade de resgate da ética diluída no nosso tempo pós-moderno. Justamente no entender de que a ética localiza-se no se colocar em questão, temos presente a perspectiva pós-moderna de Zygmunt Bauman (1997). Na medida em que visualizamos o rasgamento da máscara das ilusões, escolhas, o significado moral em meio a metas e funções, encaramos o tempo de ambiguidade moral fortemente sentida, pautado pela incerteza. Não existe no romance um apontamento de fala ou mesmo de comportamento dos personagens que seja adotado como certo ou errado. Há um presente saturado de lembranças de um passado que não retorna, a escuridão de um futuro que não se apresenta, mediante um presente em ebulição por não ter as respostas buscadas. No romance não se condena a prostituta por vender o corpo, inclusive o narrador faz questão de comparar seu ato com o dos políticos, mas cede a voz para que Rosaura emita sua reflexão. Conforme temos na narrativa:

> _ Senhoras e senhores: estou aqui para vos falar de uma coisa que é fundamental e está presa à garganta de todo o mundo. Não sei se vós imaginais o que tenho para vos contar. Tentarei vos explicar. Não é nada fácil, mas há um grande mundo à parte, sempre escondido na treva da sombra, na sombra da treva, nas areias da escuridão (...) Vós vedes, como veem, sou uma simples puta, sim senhores, uma puta, na verdade uma puta com algumas luzes, (...) neste mundo não corre a

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

> moeda da beleza, o centavo da piedade, mas somente a vergonha e a dor. (DICKE, 2011, p. 126-127)

Outra é a relação que podemos estabelecer com Zigmunt Bauman em se tratando da importância do corpo nessa narrativa. O corpo estranho anunciado pelo teórico, vem a ser o errante a caminho, o vagabundo que vagueia sem ser movido mais por interesses imediatos, metas e funções a serem cumpridas. Por conseguinte, temos o herói no romance. No caso, concentremos em Frutuoso Celidônio, ele é o vagabundo, o que perambula sem motivo aparente, discute filosofia, estética, transcendentalismo, questiona a convenção e arrebanha adeptos. Tomemos de empréstimo as palavras de Bauman:

> O vagabundo não sabe quanto tempo ficará no lugar onde está, e o mais das vezes não será dele a decisão sobre quando chegará ao fim a estada. Uma vez de novo em movimento, ele estabelece seus destinos à medida que vai andando e lendo os sinais da estrada, mas mesmo assim não pode estar seguro se vai parar, e por quanto tempo, na próxima estação. O que sabe é que a parada só será temporária. (BAUMAN, 1997, p. 274)

Assim, o vagabundo sem motivo aparente na sua perambulação, só sabe que deve ir em frente. Movido pela liberdade de escolha até esbarrar nas determinações, tem na responsabilidade moral, a mais pessoal e intransferível das posses humanas. É o que nos leva a observar em Celidônio, o extrato substancial do vagabundo que não fecha com uma escolha acerca de escrever um trabalho que verse sobre a beleza.

Desde o início de nossa argumentação tomamos o romance *Cerimônias do sertão* como ilustrativo da configuração do contemporâneo, nos termos de Giogio Agamben (2009). Isto porque o personagem protagonista encarna as preocupações do homem que não se contenta com o visto e o ouvido, quer saber mais. Investe no escuro, no interior de cada ser que o acompanha para celebrar as cerimônias. Ora, Agamben é enfático em demonstrar que a contemporaneidade surge de uma relação singular com o próprio tempo. Adere a este mas ao mesmo tempo toma distância para melhor

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

compreendê-lo. A fratura, a quebra na compreensão do que se vive, indica o processo da busca empreendida, não sem angústia. Manter fixo o olhar no próprio tempo, Agamben ensina para compreender o que se vive. Assim, mergulhar no escuro do presente é dar mostras da contemporaneidade. Textualmente temos:

> Contemporâneo é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpretá-lo, algo que, mais que a luz, dirige-se direta e singularmente a ele. Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provem do seu tempo. (AGAMBEN, 2009, p. 64)

Justamente esta vontade de saber, esta busca por compreender é o ingrediente fundamental que move a celebração das cerimônias, que nesse livro, os personagens celebram no sertão. Daí nossa conclusão de que o romance é exímio em ilustrar o que Agamben ensina como o contemporâneo. Esta capacidade de enxergar nas trevas um facho de luz capaz de conduzir atitudes, formatar as opiniões, gerar o intranquilo das respostas a serem formuladas. A relação muito intrínseca com o tempo, o estar muito próximo enquanto distante da compreensão, produz a angústia conforme adiantamos, uma vez que se lançam em direção à origem, a si mesmos pois, esquecidos, tomados pela premência do relógio. Confiantes de que a "atenção dirigida a esse não-vivido é a vida do contemporâneo" (AGAMBEN, 2009, p. 70), salientamos que os personagens movem seus corpos nessa direção ainda não trilhada.

Na outra linha investigativa deste tempo eivado de escuridão em meio ao excesso de luz que pode enganar, temos as preocupações com o corpo enquanto referência do pensamento pós-moderno, nos termos de Terry Eagleton (1998). O processo de divisão que o pós-moderno deixa entrever entre natureza e cultura, não requer mais aquela justeza tão desenvolvida pelo moderno. Na era em que a máquina gera lucros cada vez mais exorbitantes e a tolerância com o erro é quase nenhuma, a mesma tolerância em ouvir segredos e razões dos outros é quase um disparate ao sujeito pós-moderno que ao mesmo tempo é livre mas, determinado por causa das funções a cumprir. Sendo o foco das discussões o traço delineador da identidade e a

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

descentralização, temos de pensar acerca de questões teóricas que sofrem limitações da linguagem, das injunções que nem sempre se podem fazer, naturezas que não se podem aproximar uma vez que o nosso mundo político, impele a isso.

Terry Eagleton nessa linha indagadora, ainda declara que o Pós-modernismo combate o essencialismo – essência humana ou natureza comum aos seres e objetos. Vê que não se pode negar a pluralidade, o desejo e a fragmentação do tempo presente como algo representativo nas esferas culturais e sociais. O que o teórico denomina de ilusão no processo desencadeado pelo Pós-modernismo é o excesso de relativismo cultural, convencionalismo moral, ceticismo, pragmatismo e bairrismo, desagrado com ideias de solidariedade e organização disciplinada, falta de teoria adequada de ação política do movimento. Logo, se o Pós-modernismo se identifica com a esquerda pela sua não aceitação tácita de razões e questões propostas, ao mesmo tempo deve aceitar que a esquerda precisa de sólidos fundamentos éticos e mesmo antropológicos para se fazer crível. Nisso reside o ponto crucial naquilo que Eagleton chama de ilusões que cercam o pensamento pós-moderno. Segundo ele, "O próprio pós-modernismo invectiva contra 'naturalizar' quando ele mesmo às vezes torna absoluto o sistema atual." (EAGLETON, 1998, p. 63). Em se tratando de inquirir a respeito da importância do corpo para este conjunto do pensamento, o teórico é incisivo em apontar que "o corpo se tornou uma das preocupações mais recorrentes do pensamento pós-moderno." (1998, p. 72). Isto, desde as investidas de compreensão da diversidade sexual, trato social, relevo da aparência, ser de linguagem. O que implica, sem dúvida, uma nova percepção do corpo anunciada pelo pós-modernismo. Daí que a formação estética do protagonista de Ricardo Dicke, encarna este dado cultural muito forte nos tempos atuais. Saber da Beleza é muito mais que tentar assumí-la para si.

Ao traçarmos elementos comparativos entre as assertivas de Terry Eagleton e o que lemos no romance de Ricardo Dicke, *Cerimônias do sertão*, temos o protagonista, ex-professor de Filosofia, também poeta, Frutuoso Celidônio como representante desta ideia. Ele é alguém que teoriza muito e não coloca em prática seus desejos, estando no nível das possibilidades. Além disso, leva os demais personagens a desencadearem o

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

mesmo processo. Prova disso vimos anteriormente com o discurso da prostituta Rosaura do Espírito Santo, outro que se destaca é o personagem João Ferragem. Detalhe, ele sai do centro da cidade e vai em direção ao bar, ao sertão onde se junta aos outros personagens. Citemos:

> João Ferragem fuma seu cigarro e escuta gravemente. Não há necessidade de se saber as horas, nem de perseguir o tempo. Para quê? Isso ficou lá do lado do asfalto, onde passam os carros sobre os cadáveres dos cachorros e dos gatos mortos e os vultos apressados, com sua preocupação do tempo, rumo ao lucro. Para quê, se tudo é imemorial? Aqui, tudo parece imóvel, duma temporalidade esquecida, esquina do olvido, uma doçura que vem como após grandes batalhas vividas e sobrevividas, a experiência que vem da vida que sofreu e cansou, dando lugar para que vaze a sabedoria do tempo, inconsumível. (DICKE, 2011, p. 86)

Este é o corpo que se move rumo ao imemorial, destituído das certezas, sem grandes ambições a não ser seguir em frente, em busca do ainda não vivido. Em luta contra a angústia, sua companheira de jornada vivencial.

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios.* Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009

BAUMAN, Zigmunt. Ética pós-moderna. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997

DICKE, Ricardo Guilherme. *Cerimônias do sertão.* Cuiabá: Carlini & Caniatto, 2011

EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo.* Tradução de Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Zahar, 1998